

A leitura na escola e a leitura da escola: linguagem, cultura e prática social

Reading at school and the Reading of the school: language, culture and social practice

Celia Beatriz Piatti¹

Resumo

A intenção de investigação no presente estudo é propor uma reflexão com base na teoria histórico cultural acerca da análise de um livro cuja temática envolve humor, suspense e fantasia. Trata-se de uma obra que oferece uma leitura atraente, que permite algumas indagações: o que a leitura como prática social pode oferecer ao jovem leitor? Como articular realidade e fantasia em uma obra? Como relacionar a leitura de uma obra como proposta pedagógica? Como atrair o jovem leitor para uma leitura que ultrapasse o prazer de ler? Questões que serão respondidas por meio da análise da obra de literatura infanto-juvenil “Pantanáutilus”, de Ana Carolina Neves. Considera-se que promover propostas de leituras na escola é apresentar às crianças e aos jovens inúmeras possibilidades de ler também fora da escola. É compreender que, ao ler, abre-se ao leitor um mundo “novo”, porém agrega-se todo o conhecimento que ele já internalizou na cultura em que vive; portanto, ler é ato de ação dinâmica, movimento, produção de conhecimento, processo que não tem fim, que está sempre em transformação.

Palavras-chave: Leitura. Escola. Proposta Pedagógica.

Abstract

The research presented in this article aims to propose an analysis based on the historic and cultural theory of a book which deals with a range of topics such as humor, psychological thriller and fantasy. The text of the book is appealing and raises some questions: How could reading – as a social practice – offer to young readers? How to balance reality and fantasy in a work of fiction? How to establish the reading of literary works as a pedagogical proposal? How to entice young readers to read materials that offer them more than the pleasure of reading? Such questions will be answered through the

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professora da UFMS, lotada na Faed (Faculdade de Educação) atuando como docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo-LeduCampo e no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: celiabpiatti@gmail.com

analysis of “Pantanáutilus”, a young adult novel by Ana Carolina Neves. Promoting reading practices at school is believed to present children and teenagers with numerous possibilities for reading out of school as well. Reading opens their minds to a “new” world, to which elements of their individual cultural backgrounds are added. Therefore, reading is a dynamic act that produces knowledge. It is an endless process which is always in transformation.

Keywords: Reading. School. Readers.

1 INTRODUÇÃO

Você pegou este livro, olhou a capa, a contracapa, visitou o sumário, folheou suas páginas, pinçou uma ou outra frase, talvez deu uma olhada na bibliografia e nela identificou um autor já conhecido. Mais alguns segundos, e você decidiu que deveria ler esse livro (PERISSÉ, 2005).

Assim como nos aponta a epígrafe, um livro é sempre um convite que escolhemos aceitar ou não. Frente a um livro de literatura Infanto-Juvenil o convite é quase uma proposta pedagógica. Aguça a curiosidade com a possibilidade de apresentá-lo aos jovens, como um caminho para conhecer o mundo, ou talvez, outros mundos.

Entende-se que a leitura está em todos os lugares, mas a escola é um espaço privilegiado e o professor pode ser o primeiro a conduzir o processo de leitura, mostrando oportunidades de aproximar os jovens dos textos e dos contextos que uma leitura oferece

A leitura apresentacaminhos para o leitor aproximar-se das dimensões sociais, históricas e culturais e, ao ser introduzida no contexto escolar, amplia o aspecto pedagógico, uma vez que pode propor ao leitor, a possibilidade de um posicionamento crítico, uma maneira de aprender e apreender, por meio da leitura, questões que o cercam e que permeiam seu contexto de vida social, a sua origem e a sua história.

De acordo com Vigotski “a relação da criança com a realidade circundante é social desde o início e, desse ponto de vista, podemos definir a

criança como um ser maximamente social” (VIGOTSKI², 1996, p. 285). Entende-se nesse sentido, que as relações interpessoais são sociais e históricas. Desse modo, a criança está inserida no meio social desde o seu nascimento.

Para Leontiev (2004) todo homem torna-se homem ao apropriar-se da cultura produzida por outros homens e, nesse sentido, essa apropriação acontece como resultado da atividade efetiva do homem sobre os objetos, mediados pela comunicação.

Nesse processo, considera-se a educação como espaço de transmissão e assimilação da cultura produzida historicamente. As aquisições e as apropriações não são inatas, elas estão postas no mundo e, cada criança, deve entrar em contato com os fenômenos do mundo circundante pela mediação.

A mediação é o processo de intervenção de um elemento numa relação. Ressalta-se que essa relação não é direta, mas mediada por tudo que foi concebido na cultura e tem como fator dessa mediação os instrumentos e os signos. Em nosso estudo, essa mediação tem como instrumento, a leitura e como signos, a linguagem que essa leitura provoca.

Para Leontiev (2004) o processo educativo é essencial na vida do homem, pois ele não precisa inventar a cultura, mas se apropriar do que já foi produzido pela humanidade e transformá-la.

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 2004, p. 301).

Assim, entende-se que a relação entre cultura e educação é dinâmica, marcada pela apropriação de conhecimentos produzidos pela experiência

²Autor de origem russa, seu nome apresenta-se em diferentes grafias nas obras traduzidas. Para padronizar, em nosso trabalho, utilizaremos Vigotski, porém, nas referências bibliográficas respeitaremos a grafia da obra consultada.

humana. Nesse sentido, a educação é a capacidade que, historicamente, o ser humano desenvolveu e que se manifesta nas mais diversas formas e nos mais variados artefatos culturais, entre eles, os livros.

A partir dessa reflexão, busca-se por meio da análise de uma obra de literatura infanto-juvenil trazer algumas indagações: o que a leitura como prática social pode oferecer ao jovem leitor? Como articular realidade e fantasia em uma obra? Como relacionar a leitura de uma obra como proposta pedagógica? Como atrair o jovem leitor para uma leitura que ultrapasse o prazer de ler?

Para tanto, esse texto apresenta uma análise da obra de literatura Infanto-Juvenil, “Pantanáutilus”. A obra em questão propõe encantar o leitor com uma história fantástica de uma menina que vai passar férias na fazenda dos avós. É época de cheia, de rios transbordados e de estradas alagadas no Pantanal Sul. O avô é um personagem curioso com ideias de inventor. Sua principal criação é um pequeno “submarino” de vidro, parecido com uma bolha de ar com o qual imagina explorar a planície pantaneira inundada. O avô encarrega a neta de fazer a expedição e, assim, inicia-se uma grande aventura.

Aventura que traz para o leitor, não apenas o prazer de ler, mas a oportunidade de compreender outros mundos, da fauna e da flora pantaneira, da cultura, da linguagem, de sentimentos como a amizade, a lealdade, o respeito e a preservação dos ambientes, bem como das descobertas que a personagem apresenta e que revela, que nessa grande aventura, tornou-se uma profissional que trabalha com bichos e plantas.

2 NARRATIVAS DE INFÂNCIA: UMA GRANDE AVENTURA

Esta é a história de uma viagem que fiz quando criança. Hoje conheço florestas, campos e desertos dos cinco continentes e também os sete mares. Mas nunca me esqueci do que aconteceu naquela primeira aventura, há muitos anos (NEVES, 2011).

Com essa epígrafe inicia-se a leitura da obra “Pantanáutilus”, de Ana Carolina Neves. A proposta da autora na obra em questão consiste em

narrar uma incrível aventura que viveu em sua infância. Essa aventura tem início em seu décimo aniversário, nas férias, em sua primeira viagem sozinha.

Foi em janeiro do ano que fiz meu décimo aniversário. Lembro-me que chovia a cântaros. De dentro do ônibus, vi minha mãe na plataforma da rodoviária ajeitar o xale, sugerindo que eu me protegesse do ar condicionado. Vi também meu pai fazer sinais para que eu me cuidasse (NEVES, 2011, p. 9).

Foram vinte e seis horas na estrada íngreme e de difícil acesso, até chegar ao vilarejo perto da fazenda onde reside seu avô Manu. A princípio, a personagem se depara com um lugar deserto, como se a única coisa que existisse fosse uma pista de pouso. Na cabeceira da pista desenvolviam-se as principais atividades econômicas do vilarejo: o comércio de amendoins, pipocas e salgadinhos fosforescentes para turistas que seguiam para o Pantanal, e a aeronáutica, que também dependia dos viajantes e se limitava aos serviços de um único ultraleve, propriedade de um morador. Ao chegar, a menina é levada à fazenda do avô, utilizando-se do ultraleve. A decolagem foi acompanhada por cortejo e gritos da criançada que brincava na pista de terra batida que também servia de campo de futebol.

No caminho, conheceu o Haroldo, um aviador, que ela achou muito estranho com sua toca de couro e os óculos presos com elástico à cabeça. Um homem estranho, quieto e calado, mas que a levou a casa de seu avô com muito cuidado.

Na fazenda, uma pista de pouso, com uma torre de rádio, birutas coloridas, calculadores de densidade das nuvens, um aeroporto criado pelo seu avô, com muitas gambiarras, coisas que ele adorava inventar. Ao chegar, encontrou seus avós que a receberam de barco, pois o Pantanal estava cheio. Aquela era a maior cheia dos últimos 25 anos, já que havia locais debaixo de cinco metros de água.

A fazenda Acure, onde residia o avô, era cercada de propriedades e de um extenso rebanho de gado. Ao parar um pouquinho na porta da sala a menina se deparava com a diversidade da fauna e flora. Aranquãs,

periquitos, codornas, araras, veados, centenas de passarinhos. Do lado esquerdo da casa havia um pomar. Era época de manga e milhares de periquitos bicavam as mangas e, de alguma forma, as selecionavam, o que permitia a menina chupar as mangas que caíam, já selecionadas, até enjoar.

Além dessas belezas, no fundo do quintal passava o rio Abobral, perto morava o Lau, um paraguaio que usava um chapéu de carandá e os cabelos escuros e muito lisos presos em um rabo de cavalo. Desde pequeno levava as comitivas boiadeiras de uma fazenda para a outra. Lau era um sobrevivente, pois foi pisoteado por um boi bagual. Quando se recuperou, sua coluna ficou empenada e não conseguiu voltar a ser um peão boiadeiro, por isso era um fiel companheiro e ajudante. Nas horas vagas, contava causos divertidos, histórias assombradas e tocava modas de viola.

Entre o pomar e a tapera em que morava o Lau, ficava a oficina do avô da menina. O avô era um orquidófilo, fazendeiro, criativo que, entre outras coisas, gostava de criar engenhocas. Em sua oficina criava caixas de madeira, que dependurava nas árvores para as araras, fazia cochos para alimentar as queixadas e até utensílios para a esposa utilizar na cozinha. Gostava de construir, principalmente brinquedos, que a menina gostava de construir junto. “Ele só fazia brinquedos com a minha ajuda, porque a maior diversão não era brincar com eles, mas construí-los” (NEVES, 2011, p.17).

Entre várias invenções do avô Manu, ele criou uma torre de madeira, um balão de ar quente. Durante o experimento para subida do balão muitas histórias engraçadas.

Tudo parecia perfeito: a lona não tinha furos e o sistema de aquecimento funcionava bem. A chama foi acesa e em pouco tempo o balão inflou, colocando de pé o cesto no qual o vó Manu ia viajar. Só faltava flutuar. E flutou! Mas, assim que o Lau soltou as amarras, ao atingir uns três metros do chão, o cesto feito de palhas de acuri trançadas se desfez, cuspindo o vovó (NEVES, 2011, p. 18).

O avô, criativo dizia sempre:

Podemos ser o que quisermos. Assim como a lagarta se transforma em borboleta, eu fui uma planta aquática por alguns dias. De hoje em diante, não duvido mais que na cheia jacaré seja tronco, nem que

arame farpado seja filhote de cobra com porco-espinho nem que altofalante seja cria de girafa com papagaio. (NEVES, 2011, p. 19).

O avô passava os dias criando e inventando, fazendo novas descobertas e produzindo um guia, que ele chamou de “guia para nada”.Anotava todas as suas ideias nesse guia, e muitos verbetes como:

[...] da outra vez em que eu me transformar em outra coisa (por exemplo, um passarinho), vou ser tão avemente passarinho, que pretendo confundir se transformou em ave, ou se sou uma ave que acha que é um velho (NEVES, 2011, p. 33).

[...] Se algum dia tiveres a oportunidade de ser um camalote, não resistas, floresce. Oferece néctar e pólen aos insetos e beija-flores que se aproximarem. É indescritível a sensação de alimentar os animais com o seu próprio corpo. E não deixes a de experimentar a sensação de ter teu destino guiado pelo rio (NEVES, 2011, p. 37).

Além da oficina, da escrita dos verbetes no guia, o avô passava o dia alimentando os bichos. Logo de manhã bem cedo “Depois de alimentar os bichos, vovô alimentou as gentes. Na grande mesa da varanda, comemos chipa e bebemos o mate. O Laucomia arroz de carreteiro num canto da varanda, de cócoras com o prato nas mãos” (NEVES, 2011, p. 23).

O vovô se levantou da mesa antes de todos. Ao passar por mim, abaixou-se para pegar uma chipa e, despistadamente, entregou-me um bilhete e saiu pela porta da cozinha. O bilhete dizia: ‘tenho um plano. Me encontre na oficina quando terminar’ (NEVES, 2011, p. 23).

Na oficina, o avô apresenta à neta sua invenção - “um submarino” - e explica que gostaria de participar da aventura que consiste em explorar o Pantanal aquático, mas a idade estava pesando. Por isso, a neta era sua escolhida para conhecer a planície inundada e fotografar cada cena, fisgar os detalhes certos. A geringonça era um submarino espécie de uma bolha de ar. O artefato era composto de uma cápsula de vidro oval, onde cabiam dois tripulantes sentados, um sistema que puxava água e outro que expulsava a água para o submarino emergir. Havia um pequeno computador de bordo, em que o piloto deveria informar os ângulos, a velocidade e a direção. Um motor de popa, que consistia em uma hélice ligada à bateria de carro. Junto com a menina iria o macaquinho, um bugio, criado na fazenda.

Orgulhoso de sua invenção o avô relata:

Esse é um pequeno passo para uma pequena mulher e um bugio mas um grande salto para a humanidade. Vocês vão revolucionar a ciência. E tu, guria, tu vai ser os meus olhos. 'Não perca nada. Conte-me tudo na volta' (NEVES, 2011, p. 33).

A viagem inicia-se e a menina e o macaquinho juntos vivem a aventura de conhecer o Pantanal; a navegação não era no rio, mas no campo alagado. Avistaram as plantas aquáticas, camalotes e passaram por tapetes de plantas e salvinias. Viram as aves buscando gravetos para o seu ninho, jaçanãs, sapos, um bando de bugios, aranquãs, anus-brancos, acuris, piúvas e bromélias. Depararam-se também com os jacarés e os tuiuiús.

No caminho encontraram o “veio” Geraldo, um senhor que todos conheciam como um feiticeiro, que entendia e “falava” com os animais e as plantas. Descendente dos Guató, índios canoeiros que viveram na região de fronteira entre o Brasil e a Bolívia durante séculos, mas há algumas décadas sumiram e foram dados como extintos. Porém, alguns desses índios reapareceram, como renascidos das matas e, hoje, vivem no Pantanal. O velho conta histórias e mostra coisas jamais vistas pela menina. Com sua sabedoria mostra as riquezas daquele lugar e diz:

– Olhe, faz muito tempo que eu moro nesse meio de mato. Bicho *home* bicho, é né? Mas o tar de *home* é também um bicho diferente de outros. Pode gente vive longe de outras gente, só no meio da bicharada? Como pode um peixe vivo vive fora d'água fria? Como poderá vive sem a sua companhia – e apontou para mim, – E tamém, como poderá vive sem a sua companhia? – e apontou pra o Macaquinho. (NEVES, 2011, p. 51-52).

Para a menina, conhecer o “veio” Geraldo foi uma importante descoberta. No Pantanal, há plantas e bichos e também pessoas que constroem aquele lugar. Sua experiência nesse lugar explica a sua fama de feiticeiro. Na verdade, um homem que, em contato com as plantas e bichos, aprendeu a conhecê-los.

A aventura continua e a menina reconhece o tempo – dia e noite. A noite tem suas belezas com o espetáculo das luzes, das flores das ninfeias que se abriam como aquelas plantas carnívoras dos desenhos animados que

engolem bichos, mastigam-nos e depois arrotam. “Aproximei o periscópio de uma flor e foquei. Dezenas de besouros se levantavam e caíam, se espreguiçavam esticando as asas para voar” (NEVES, 2011, p. 67). De certa forma, era isso mesmo que acontecia: as flores se abriam e cuspiam besouros. Relata que: “A noite tem seus cheiros: o da urina dos carnívoros que saem das tocas e das flores visitadas por morcegos e da transpiração das folhas. Meu perfume preferido é o bafo da noite. Da boca da noite” (NEVES, 2011, p. 67).

Depois da viagem no invento do avô, de volta, a descida pelo rio Abobral, o lugar inundado, com uma paisagem diferente. Lembrou que: “Um rio é feito de água, terra, lodo, galhos submersos, folhas podres, peixes, seres microscópicos, ariranhas, aves, bolhas de ar ... de um submarino, um macaco e uma menina”? (NEVES, 2011, p. 77).

De volta para casa a menina pensa que nunca saberá se todos os acontecimentos foram verdadeiros. Tem sua própria versão da história: “fizemos parte do rio, fomos o rio. E, mesmo sem saber naquela época explicar o que eu hoje explico com palavras, naquele momento eu me senti como o rio” (NEVES, 2011, p. 77).

Lembra com carinho: “Os olhos do vovô brilhavam de orgulho – de nós, da sua máquina, de si mesmo, da amizade com Jacques. Era como se dissesse: Vê, amigo, a geringonça funciona” (NEVES, 2011, p. 85).

Anos depois da aventura foi inaugurada no vilarejo, uma torre de madeira e a avó também pode apreciar a planície como se estivesse no topo de uma montanha. “Ainda hoje, no Pantanal, nos anos de águas altas e emendadas, ouve-se os caboclos falarem sobre umas tais cheias de “surubimarinos” (NEVES, 2011, p. 85).

A menina relata que: “O vô Manu disse que nossa viagem de submarino mudaria a ciência. Até hoje, décadas depois, isso não aconteceu, para mim, para o Macaquinho e para o vovô nossa viagem foi revolucionária” (NEVES, 2011, p. 43).

Após a aventura a menina conta que o avô continuou a criar geringonças. Em cada momento das férias a menina lembrava da grande aventura. E sempre afirmava que: “E não é que o vovô tinha razão? Se a gente se esforçar de verdade para ser outras criaturas, podemos até esquecer quem somos e nos confundir com elas” (NEVES, 2011, p. 89).

Após essa grande aventura, a menina aprendeu muito com a experiência, mas o mais importante foi compreender como ela escreveu no guia do nada: “a partir de hoje estou decidida a não me afastar dos bichos e das plantas, nem nunca deixar de sonhar que sou um deles” (NEVES, 2011, p.91).

Nessa decisão, a menina nos conta o que aconteceu com ela.

Bem, iniciei este livro contando o que faço hoje em dia. A aventura que vivi e a amizade que surgiu entre mim e o Macaquinho marcaram minha vida, fizeram com que me tornasse bióloga e nunca mais quisesse me separar de bichos, plantas, pedras, ventos, águas (NEVES, 2011, p. 89).

3 A LEITURA COMO PROCESSO SOCIAL

Compreende-se que a leitura seexpressa em ações culturais e sociais, nem sempre, escolarizadas, uma vez que a leitura está em todos os contextos da vida cotidiana, mas a escola é um dos espaços que permite o encontro do leitor com a leitura e, tem como uma das suas funções possibilitar a constituição de futuros leitores, outambém pode contribuir para a sua alienação em relação ao ato de ler. É preciso valorizar propostas de leitura que levem o jovem leitor a conhecer e se reconhecer no mundo social.

Ler não é uma prática espontânea, isolada,mas criada pelo homem, por isso faz parte da constituição do sujeito, no sentido de ampliar seus conhecimentos, sua vivência, sua história. Portanto é prática cultural, traz um legado da humanidade.

Para Leontiev

Cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LEONTIEV, 2004, p. 285).

O desenvolvimento do homem é resultado desse movimento de relações adquiridas não apenas na história acumulada pela humanidade, mas pela ação dele que, ao mesmo tempo em que internaliza o que vem do meio, também interfere no decurso da história. Portanto, sua ação está sempre em movimento, em transformação.

Ao se apropriar das criações da cultura, as ações objetivam-se por meio da aprendizagem, que ocorre no espaço formal de ensino, pelo processo educacional, que tem como um de seus objetivos criar condições para que as crianças e os jovens superem os conhecimentos espontâneos e avancem para os conhecimentos científicos.

Nesse processo de avanço entre conhecimentos espontâneos para os conhecimentos científicos, está a responsabilidade da escola, que tem como uma das suas funções difundir o conhecimento científico, o que representa a possibilidade de mostrar aos jovens que as criações das gerações anteriores é fruto da cultura humana, que está em movimento, portanto é dialético, carece de transformação.

Nesse sentido, os livros, são conquistas das gerações anteriores e artefatos em construção, para serem apropriados e assimilados, revisados, transformados em ações que permitem ao homem compreender o que está a sua volta, mas também que o que está posto, pode e deve ser transformado pela ação humana, em constante mudanças.

Na escola, a leitura, deve ser vista como necessidade, como possibilidade de troca de experiências, de discussões e debate, bem como a valorização da compreensão do que foi lido por cada leitor. Dessa forma, permite a ação do leitor na produção de novos conhecimentos, no processo de desenvolvimento, no qual reside também a apropriação da leitura e de seus significados.

O processo de apropriação é considerado por Leontiev (2004) como: “[...] resultado de uma atividade efetiva do indivíduo em relação aos objetos e fenômenos do mundo circundante criados pelo desenvolvimento da cultura humana” (LEONTIEV, 2004, p. 290). Essa relação é possível por intermédio da interação do homem com os outros seres humanos. Por meio da educação é que se dá a aquisição da cultura humana às novas gerações.

Sob esta premissa, vale ressaltar que a educação que ocorre na escola tem um forte compromisso com os sujeitos, na formação de aspectos necessários para a vida em sociedade, visto que o “[...] movimento da história só é possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com a educação” (LEONTIEV, 2004, p. 291).

O processo educativo não deve ser concebido como algo unilateralmente ativo, nem devemos atribuir tudo à atividade do ambiente, anulando a do próprio aluno, a do professor e tudo o que entra em contato com a educação. Pelo contrário, na educação não há nada de passivo ou inativo. Até as coisas inanimadas quando incorporadas ao âmbito da educação, quando adquirem um papel educativo, se tornam dinâmicas e se transformam em participantes eficazes desse processo (VIGOTSKI, 2002, p. 78).

Para Leontiev (1978) ao sistematizar o conceito de atividade, alerta que o processo de humanização ocorre por meio das atividades principais (o brincar, o estudo e o trabalho), que são marcadas a partir do lugar que o homem ocupa no sistema de relações sociais. Nesse sentido, indaga-se: qual é o lugar da leitura como atividade? De acordo com Leontiev (1978) a atividade se organiza em duas características centrais: orientação e execução. Em relação a orientação, a atividade compreende os motivos, o objeto e as tarefas, em relação a execução, as ações e as operações.

Considera que a leitura é uma atividade que envolve orientação e execução e principalmente, motivos, com sentidos e significados. Ocorre em diferentes contextos, mas na escola, deve ser vista como atividade no sentido da humanização³, ou seja, com possibilidade de inserir o homem no mundo

³ Hominização neste texto refere-se ao processo evolutivo pelo qual o sujeito vai se constituindo pela atividade do trabalho aprendendo a ser humano, ou seja, constituindo-se nas relações que estabelece entre o que faz e o que é.

social. Atividade de leitura como motivo carregado de significados que permitem novas ações do sujeito sobre o mundo.

A escola deve propor atividades pedagógicas que estimulam o leitor a encontrar-se com a leitura e dela se apropriar culturalmente, socializando-se com o conhecimento historicamente produzido, mas nesse sentido cabe indagar: como selecionar o que é mais relevante para a formação de um leitor?

Considera-se que

O indivíduo é colocado diante de uma imensidade de riquezas acumuladas ao longo dos séculos por inumeráveis gerações de homens, os únicos seres, no nosso planeta, que são criadores. As gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes que multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta as riquezas que lhes foram transmitidas e ‘passam o testemunho’ do desenvolvimento da humanidade (LEONTIEV, 2004, p. 285).

Riquezas essas que estão em diferentes contextos e artefatos, dentre eles os livros. Em razão disso, torna-se importante considerar as influências culturais às quais o sujeito se vê exposto, para poder apreender, por meio da literatura, como ele se percebe e como ocorrem as suas transformações nesse movimento.

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro (LAJOLO, 2002, p. 108).

Dessa forma, é necessário que no espaço escolar o leitor encontre a oportunidade de ler e de compreender que não há dois mundos – a leitura da escola e a leitura fora da escola – mas há uma leitura que precede à vida escolar e, portanto, é parte intrínseca do ser humano, pois este já nasce envolto ao mundo letrado.

Ao refletir sobre a leitura e a constituição de leitores, questionamentos como: o que é ler na escola e fora dela? Para que ler? Como ler? Como selecionar livros para jovens em processo de formação? São necessários

para entendermos que as respostas serão de acordo com a concepção de cada sujeito.

A leitura de um livro como proposta pedagógica não pode ocorrer com justificativas que induz a pensar que o tema, a faixa etária, entre outras questões podem afastar o leitor. De acordo com Lajolo

Quando se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livros e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e *marketing* (LAJOLO, 2002, p. 109).

Portanto, cabe aos professores no espaço escolar estimularem e apresentarem as oportunidades de uso das leituras com sentido e significado para a vida em sociedade e não apenas para cumprir exigências das atividades escolares. Cabe questionar: “[...] mundo da leitura, leitura do mundo: onde acaba um e começa a outra?” (LAJOLO, 2002, p. 7). É preciso refletir que “[...] esse papel de intermediário da leitura pode afastar da prática docente o artesanato que a leitura exige” (LAJOLO, 2002, p. 105). Artesanato que exige tecer a leitura, apropriar-se dela, fazer escolhas, usufruir dos sentidos e significados próprios de cada leitura, diferentes para cada leitor.

Se não fosse a leitura, cada sujeito teria que começar tudo de novo e a literatura fornece um tipo único de experiência, trabalhando com a imaginação, a criação, o pensamento criador. A leitura não é uma forma de passar o tempo; mais do que uma forma de recreação, ela é uma maneira de conhecer o mundo e os homens. Considera-se que há sempre uma possibilidade de motivação na vida do leitor, compreendendo a “motivação como a relação que o sujeito estabelece com o objeto de conhecimento, que em nossa discussão é a leitura. Considera-se que “[...] ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive” (LAJOLO, 2002, p. 7).

A autora nos alerta que

Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: como sabe quem lê *Vidas secas de Graciliano Ramos* a leitura do voo das

arribações que indicam a seca – independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros (LAJOLO, 2002, p. 7).

Ler é navegar no texto alheio, seja na hora da tempestade ou nos dias de bonança. E fazer do texto alheio texto próprio, e transformar-se num poeta, lendo poesia, e transformar-se num filósofo, lendo filosofia, e transformar-se num pensador, lendo pensamentos, e aprender a criar metáforas, fazer ilações, inventar personagens, relacionar opiniões, criticar, discutir, revisar, admitir, comparar, distinguir, contestar, assentir [...] (PERISSÉ, 2005, p. 15).

Entende-se que ler é prática social e, portanto, faz parte do universo de cada sujeito, mas cada um tem sua trajetória de leitura, que não está apenas no espaço escolar, mas aqui nossa discussão, busca compreender processos de leitura que ocorrem no interior do espaço escolar e desse modo, cabe perguntar: “[...] como a escola colabora para a formação da história de leitura do aluno? Que experiências de leitura são vivenciadas na escola?” (RANGEL, 2012, p. 46).

Ao reconhecermos que a natureza social do sujeito tem ligação com o desenvolvimento da cultura e da sociedade, afirma-se que a ideia de que é na interação com o outro que o sujeito interioriza, aprende e interpreta os fatos do contexto em que atua permite ao sujeito reconhecer-se como produtor de conhecimento, que se constrói nas organizações sociais. Assim, se apropria da cultura no espaço onde vive e, nesse espaço, a leitura deve ter lugar garantido.

4 A OBRA EM ANÁLISE

Abro um livro, e para mim se abrem portas e comportas. Sou convidado a entrar em mim mesmo, percorrendo as linhas e entrelinhas do texto. O texto é um mapa cujo destino estou para descobrir. O livro me leva às portas do decifrável, que se torna indecifrável no exato momento em que começo a decifrá-lo. E o que devo fazer? (PERISSÉ, 2005, p. 9).

A obra de Ana Carolina Neves ao apresentar o Pantanal sul-mato-grossense, oferece às crianças e jovens da região pantaneira e de outras regiões a possibilidade de conhecer um lugar que não é apenas fauna e flora,

mas um espaço carregado de cultura⁴, que se bem interpretado retrata além das belezas naturais, outras situações que revelam um espaço social de interação entre homem e natureza, mas principalmente entre o homem e sua relação com o outro. Durante a leitura, as narrativas da menina revelam várias tradições, costumes, modos de viver, de falar, de vestir, de alimentar-se, deconviver e de compreender que em cada espaço, o homem interage e constrói a sua identidade.

A autora apresenta o Pantanal por uma perspectiva diferente da que normalmente as pessoas conhecem: pela superfície. Ou seja, no livro se conhece o Pantanal a partir do fundo das águas, de baixo para cima, conversando com as pessoas do local e passando por caminhos que não são turísticos. É o mundo aquático do Pantanal.

Entende-se que a obra é interessante no sentido de ampliar o vocabulário das crianças e jovens, uma vez que, por meio de diálogos, de metáforas, da descrição dos lugares, dos encontros entre as pessoas que vivem na região, apresenta uma infinidade de palavras que precisam ser conceituadas para conhecer o Pantanal, por isso traz um rico glossário que oportuniza conhecer em cada trecho o sentido das palavras e termos que são típicos da região. Apresenta-se a fauna e a flora com riqueza de dados que favorecem conhecer as espécies da região. Um livro recheado de fantasia, suspense e humor que revela a importância das relações que se estabelecem entre os seres. Homem e natureza em constante interação.

Há também, na obra, a identificação e a aproximação com as poesias de Manoel de Barros. É possível sentir a presença do poeta em alguns trechos da obra. A autora busca formas de trazê-lo, recriando palavras, apresentando algumas metáforas e pela própria representação do avô *Manu* que já pode ser interpretado como a presença “inventiva” do poeta. É possível também encontrar vestígios da obra “Vinte mil léguas submarinas”

⁴Na obra de Vigotski (2005), podemos observar que apesar de não haver uma definição formal sobre o conceito de cultura, ela ocupa lugar importante nos seus estudos, pois ele aceita a ideia de que a cultura se concretiza, a partir dos instrumentos e signos, que podem ser representados tanto pelo elemento material como o elemento psíquico.

de Júlio Verne que apresenta uma incrível viagem a bordo do admirável “Náutilus” que navega incansavelmente pelo fundo do mar, enfrentando os perigos que se exaltam na beleza da fauna e flora marinhas, revelando uma aventura sob as águas com grandes emoções. Dessa forma, aguça a curiosidade do leitor para além da obra, estimulando a busca por outras leituras, outros autores e outras obras.

Assim, a autora, ao eleger o Pantanal como espaço de suas narrativas, privilegia a presença do outro em sua constituição, ao revelar os laços de amizade, de carinho com o velho Jacques, amigo do seu avô, do “veio” Geraldo, da avó e do amigo Bugio, afirmando que as ações são possibilidades de interação entre os seres em diferentes contextos, em tempos e espaços diversos.

Nesse sentido, afirma-se que a importância da escola na formação de leitores, ao considerar que o processo educativo do sujeito pode acontecer de uma maneira tal que possibilite a realização de complexas e diversificadas tarefas dirigidas, porém, se o professor, na escola e nas propostas pedagógicas, não perceber o processo de desenvolvimento da leitura das crianças e jovens, corre o risco de tornar as atividades ao mesmo tempo alienadas e alienantes, na medida em que não ofereçam aos jovens condições para exercer o processo de tornar-se leitor, em constante transformação. Nesse sentido, a atividade de leitura é um processo em constante transformação.

Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente (VIGOSTKI, 2005, p. 237).

De acordo com Lajolo (2002,p.106)

cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados, que ao longo da história de um texto, este foi se acumulando”. Cada leitor tem a história de suas leituras; cada texto, a história das suas.

Nessa perspectiva, em nossa indagação inicial: o que essa leitura pode oferecer ao leitor? Como articular realidade e fantasia? Como relacionar a leitura fantástica de uma obra como proposta pedagógica? Como atrair o jovem leitor para uma leitura que ultrapasse o prazer de ler?

A escola pode aproveitar-se de obras como essa para trabalhar uma infinidade de questões que permitem encantar o leitor por meio da aventura, do suspense, mas também da riqueza de fatos e acontecimentos que a obra apresenta. É possível um trabalho interdisciplinar com uma obra, como essa em questão, que apresenta os seres de tal forma que eles se interagem com harmonia e deixa claro que o homem é a natureza e a natureza é o homem. Estimula por meio das narrativas reconhecer a “menina”, seus sonhos e a apropriação do lugar que a torna, no futuro, uma profissional, formada em Biologia.

Dessa forma, promove ao sujeito reconhecer a pertença de cada um no espaço onde vive, estuda e trabalha. Portanto, o espaço escolar, entre tantos outros, tem compromisso na formação de leitores para que crianças e jovens encontrem na leitura a possibilidade de entender o mundo que os cercam em diferentes perspectivas.

CONSIDERAÇÕES

A leitura e a análise de uma obra nunca se exaure, uma vez que há sempre possibilidades de outras interpretações. Cada leitor enxergará outros sentidos e outros significados durante uma leitura a partir de sua história, de sua vontade, de suas representações, de suas experiências e de seus conhecimentos. Desse modo, depreende-se que a escola tem papel importante na constituição de leitores para além de seus muros.

Promover propostas de leituras na escola é possibilitar às crianças e aos jovens inúmeras possibilidades de ler também fora da escola. É compreender que, ao ler, abre-se ao leitor um mundo “novo”, porém agrega-se todo o conhecimento que o sujeito possui; portanto, ler é ato de ação dinâmica, movimento, produção de conhecimento, processo que não tem

fim, que está sempre em transformação. Espera-se que a escola possa aguçar a necessidade da leitura. “De sermos leitores para vida toda, e leitores da vida em todos os seus aspectos, incluindo-se os livros” (PERISSE, 2005, p.11).

A leitura da obra em questão é um convite a imaginar o cenário pantaneiro, os animais, as plantas, mas também as pessoas, seus sonhos, seus interesses, suas curiosidades, seus modos de vida, evidenciando a educação expressa em cada situação que ocorre nas narrativas da personagem. Representa uma obra interessante para apresentar às crianças e jovens a oportunidade de ler, de encantar-se, de descobrir-se, de aprender e reconhecer a importância da leitura.

REFERÊNCIAS

- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Educação em Ação).
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro, 2004.
- _____. *Actividad, consciência, personalidade*. Habana: Pueblo y Educación, 1978.
- NEVES, A. C. *Pantanáutilus*. São Paulo: FTD, 2011.
- PERISSÉ, G. *Elogio da Leitura*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- RANGEL, N. M. J. *Leitura na Escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação, 2012
- VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Obras Escogidas III. Problemas del desarrollo de la psique*. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor, 1995.